



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de encerramento do 27º Encontro Econômico Brasil-Alemanha (EEBA)

Vitória-ES, 1º de setembro de 2009

Se a delegação alemã gostou de Vitória, imaginem se fosse a Garanhuns, no meu estado de Pernambuco.

Eu quero cumprimentar o meu companheiro governador do estado do Espírito Santo, companheiro Paulo Hartung,

Quero cumprimentar o embaixador Samuel Pinheiro, ministro interino das Relações Exteriores,

Nosso querido companheiro Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Quero cumprimentar o senhor Bernd Pfaffenbach, vice-ministro de Economia e Tecnologia da Alemanha,

Também quero agradecer a Alemanha por ter trazido aqui o seu ministro da Economia, o ministro Guttenberg, que ficou dois dias aqui em Vitória debatendo a relação Brasil-Alemanha,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro senador Renato Casagrande,

O nosso querido companheiro Armando Monteiro Neto, presidente da Confederação Nacional da Indústria,

Os deputados federais companheiro Camilo Cola, companheira Iriny Lopes, companheiro Lelo Coimbra e companheira Rose de Freitas,

Quero cumprimentar o nosso embaixador na Alemanha, Everton Vieira Vargas,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro prefeito de Vitória, João Coser,



Quero cumprimentar o ministro Hermann Sausen, encarregado de negócios da Embaixada da Alemanha no Brasil,

O senhor (incompreensível), vice-presidente da Confederação Nacional das Indústrias da Alemanha,

O senhor Weber Porto, presidente do Conselho Integrado das Câmaras de Comércio Brasil-Alemanha, na pessoa do qual saúdo os demais integrantes da delegação alemã,

E quero, por fim, cumprimentar o Lucas Isoton, presidente do Sistema Federação das Indústrias do Espírito Santo, na pessoa do qual saúdo os demais presidentes das federações e entidades de classe do Brasil, que estão aqui presentes,

Senhores e senhoras participantes do 27º Encontro Econômico Brasil-Alemanha,

Companheiros da imprensa,

Amigos e amigas,

Desnecessário seria eu falar aqui sobre números da nossa balança comercial, números econômicos, porque hoje eu acho que o mundo da economia na Alemanha está mais bem informado sobre a economia brasileira do que nós brasileiros. Eu tenho acompanhado as matérias sobre a economia que têm saído na imprensa alemã, na imprensa inglesa, na imprensa americana, na imprensa francesa, na imprensa... e, certamente, os especialistas de lá são muito mais otimistas que os especialistas de cá, muito mais. É impressionante a quantidade de informações da economia brasileira que a gente vê nos jornais estrangeiros e, muitas vezes, é impressionante como nós temos uma preferência pela desgraça do que pelas coisas boas. Mas, assim somos nós, e assim vencemos, e assim continuaremos a vencer.

A segunda coisa, Paulinho, você falou do petróleo aqui e disse... agradeceu pela atitude de fazer a discussão, convidando os governadores dos



estados em que está situada a camada pré-sal. E nem poderia ser diferente. Você me acompanha há muito tempo, e sempre que eu posso dizer à opinião pública, eu digo que governar... o papel de um governo é como o papel de uma mãe: tem que tratar todos com muito carinho, com muito amor, não deixar faltar nada para ninguém. E jamais uma mãe iria descobrir um filho para cobrir outro. O que nós precisamos, ou aumentar esse cobertor ou colocar todo mundo mais juntinho para que todo mundo tenha e receba a caloria adequada desse dinheiro, que eu digo sempre que é uma dádiva de Deus que foi dada ao nosso país.

Neste momento em que estamos terminando aqui a 27ª reunião entre Brasil e Alemanha, para discutir uma questão econômica, eu queria dizer, Paulo, que se você não conhece Munique, você tem que conhecer Munique. E conhecer Munique, mas não para comer as comidas sofisticadas, mas para comer um chucrute, ou para comer um salsichão comprado em um carrinho, vendido nas ruas de Munique, ou uma linguiça fininha que eles têm, que você vai adorar. Obviamente que isso não vai substituir as belezas da praia do Espírito Santo, mas vai contemplar o seu estômago.

Mas, sobre o Encontro Brasil-Alemanha, eu queria dizer para vocês que esse momento é um momento de reflexão. Nós temos que agradecer àqueles brasileiros e àqueles alemães, que ainda na metade do século XIX resolveram fazer uma combinação e trazer alemães para ajudar no desenvolvimento do Brasil. Algumas cidades brasileiras são comparadas a bonitas cidades alemãs, e eu penso que isso é uma imagem que eu gosto de carregar no mundo quando eu vejo a perseguição aos imigrantes, agora, por conta da crise econômica. Quero dizer aqui que acabamos de legalizar, no Brasil, mais de cem mil estrangeiros, todos de países mais pobres do que o Brasil, e nós não tínhamos o direito, nós não tínhamos o direito de jogar nas costas dos inocentes a culpa pela crise econômica.

Então, eu sou agradecido à vinda dos alemães para cá, a partir de 1850



– segundo o Coser, aqui no Espírito Santo, em 1847 – porque um toque do crescimento brasileiro, um toque da nossa industrialização, um toque da formação do nosso povo tem muito a ver com o povo alemão.

Segunda coisa, já no século XX, a vinda de vocês para cá, para ajudar a desenvolver a indústria deste país, com a vinda da primeira indústria automobilística alemã para o Brasil, que nos trouxe uma paixão nacional chamada “Fusquinha”. Quem, na minha idade de adolescente, não sonhava em ter um “Fusquinha”? Quem? Era quase uma paixão. Quem não tinha “Fusquinha” não arrumava nem namorada. O “Fusquinha” era como se fosse uma paixão nacional.

Então, nós somos gratos a essa relação produtiva entre Brasil e Alemanha. Mas eu penso que nós entramos em um terceiro ciclo das nossas relações, e o terceiro ciclo é o passo seguinte após uma crise econômica que pegou todo mundo despreparado. Vamos ser francos: nós trabalhamos todo o primeiro semestre de 2008... Aliás, já em outubro de 2007, eu estava no Panamá com uma delegação de empresários brasileiros, quando começaram a aparecer os primeiros boatos do *subprime*. Até julho de 2007, nós discutíamos a crise apenas pensando na questão do *subprime*. Não estava na nossa lógica a quebra de bancos importantes, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. E eu digo sempre que se o presidente Bush soubesse que se ele tivesse aportado por volta de US\$ 50 bilhões para o *Lehman Brothers*, no mês de julho, possivelmente ele teria evitado a quebra de *Lehman Brothers* e, conseqüentemente, a quebra de tantos outros bancos pelo mundo afora.

Mas eu penso que a gente também não pode mais ficar reclamando dessa crise. Não tem nada pior do que um homem político ou um homem empresário toda hora ficar batendo na mesma tecla, que teve uma crise, que o culpado da crise... Eu já não estou mais a fim de discutir quem é o culpado pela crise. Eu estou a fim de discutir quem é que está disposto a sair dessa crise mais forte do que entrou nessa crise. E o Brasil... os empresários brasileiros



[alemães] radicados no Brasil e os empresários brasileiros sabem que, desde o começo dessa crise, nós tomamos todas as medidas que foram possíveis tomar para que a gente pudesse, não só fortalecer o nosso mercado interno, mas para que nós pudéssemos contribuir para um aumento das nossas exportações, mesmo sabendo que em época de crise todas as exportações iriam diminuir.

Mas sabem os empresários brasileiros e os empresários alemães radicados no Brasil que nós não perdemos uma única oportunidade que não tivéssemos tomado medidas para que a gente superasse essa crise. E é muito importante superar a crise econômica, fazendo as desonerações, fazendo os investimentos que são necessários sem abrir mão da responsabilidade fiscal neste país, porque esse é um patrimônio que nós conquistamos e é um patrimônio que nós não podemos abrir mão. Ou seja, uma política fiscal correta, a inflação altamente controlada, estabilidade econômica e certeza para as pessoas que querem tirar o seu dinheiro do bolso ou o seu dinheiro de um país e fazer investimentos neste país.

Pois bem, eu penso que Alemanha e Brasil, neste fórum, não sei quantas coisas vocês discutiram, mas é importante que a gente discuta, quem sabe até a próxima reunião em Munique, meus caros ministros brasileiros, quais os próximos passos que nós vamos dar para que a parceria Alemanha e Brasil não fique estagnada. No que nós poderemos incrementar a nossa relação? Porque Alemanha e Brasil... e sabem os alemães que não é apenas o Brasil. É todo um contingente de países que faz fronteira com o Brasil aqui na América do Sul, que podem se beneficiar dessa estratégia. Nós estamos construindo a parceria estratégica com a União Europeia. Agora mesmo, em outubro, vamos ter reuniões em Estocolmo sobre isso.

Mas, vamos fortalecer essa relação Alemanha-Brasil. Ela tem química, ela tem história, ela tem, eu diria, quase uma relação de quase uma nação única, e vocês sabem o quanto o Brasil gosta da Alemanha e o quanto a



Alemanha gosta do Brasil. Vocês sabem que as empresas da Alemanha no Brasil estão produzindo há quase meio século e estão, muitas vezes, tendo situações econômicas mais confortáveis do que as matrizes. Nessa crise agora aconteceu exatamente isso. Eu dizia para os nossos companheiros da indústria automobilística: nós temos um mercado interno e um potencial tão extraordinário, que nós não temos que ficar chorando a queda das exportações. A queda das exportações é alguma coisa que a gente queria. É como se fosse a espuma no copo de chope, que é importante, dá um prazer no copo de chope. Mas o mercado interno é toda a parte amarela, que é o conteúdo mesmo que a gente bebe. Eu nunca vi ninguém ficar bêbado por beber espuma, mas eu já vi gente ficar bêbada por beber o líquido de verdade.

Então, quando nós acreditamos no mercado interno, o governo fez a política correta para incentivar, a indústria automobilística fez a política correta para produzir, o que aconteceu? Nenhum milagre, apenas aquilo que era previsível por qualquer ser humano de bom senso: vamos acreditar no mercado interno. Eu dizia, muitas vezes, nas reuniões com a indústria automobilística: o carro... o brasileiro tem três, quatro paixões, que eu não sei se os alemães têm mais. O brasileiro tem quatro. Primeiro, todo mundo quer se casar, tanto vale para a mulher como [para] o homem, com uma mulher e com um homem bonito. Segundo, todo mundo quer ter uma casa. Terceiro, todo mundo quer ter um carro. Neste país, o carro ainda continua sendo uma paixão nacional. E agora, a quarta paixão, que é computador. Todo mundo quer ter um carro, um computador, toda mulher quer se casar com um homem bonito, todo homem quer se casar com uma mulher bonita e todo mundo quer ter uma casa. Essas são as quatro paixões. Nós estamos resolvendo as quatro, estamos resolvendo as quatro.

Primeiro, dizer para vocês que nunca se construiu tanta casa neste país como está se construindo agora. O período de maior construção de casas foi no governo Figueiredo, me parece que em 1985, se não me falha a memória,



um ano antes das eleições do Sarney e nós, neste ano, já batemos recorde. No ano passado nós financiamos 23 bilhões durante 12 meses. Só neste ano, até agosto, já financiamos R\$ 21 bilhões. Isso, apenas o banco público, da Caixa Econômica. Mas, a iniciativa privada, que até o ano passado não financiava casas ou raramente financiava, agora o sistema financeiro privado entrou no sistema habitacional do País e vai acontecer muita coisa. No auge da crise, nós criamos um programa chamado Minha Casa, Minha Vida, que é 1 milhão de casas para as pessoas mais pobres deste país, até 2010.

Então, uma paixão nós resolvemos. O povo, na hora em que vai comendo, vai ficando mais bonito e o povo brasileiro está comendo mais, então resolvemos o segundo problema. O carro, a indústria automobilística que, habitualmente, é chorona, chora, chora, chora... Eu estou há 30 anos convivendo com a indústria automobilística e eles estão sempre no vermelho, sempre no vermelho. Estão no vermelho no discurso comigo, mas a conta bancária está sempre azul, verde, amarela, branca. A verdade é que a indústria automobilística, graças a Deus, porque gera os empregos e os salários que eu preciso para ver o povo brasileiro avançar, está produzindo e vendendo como nunca vendeu no nosso mercado interno. Portanto, eu sou agradecido a isso.

A quarta paixão, o programa “Computador para Todos”. Eu, na próxima semana, terei uma reunião sobre inclusão digital. Eu fui à cidade de Piraí, no Rio de Janeiro – eu já contei esta história – e lá eu vi as crianças... É a primeira escola do Brasil onde todas as crianças têm um computador. É um programa que começou com o governo federal, mas foi assumido pelo governo estadual, é a cidade do vice-governador, e todas as crianças têm um computador.

Pois bem, a evasão escolar diminuiu de 25% para menos de 1%. As crianças querem ir para a escola aos domingos por causa do computador e eu, que sempre tive preconceito, porque eu achava que o computador individualizava as crianças, cada uma olhando na telinha ali, sem conversar com a outra, eu quebrei a cara e o meu preconceito desapareceu. Porque



naquela escola as crianças fazem uma roda em torno de uma mesa – seis a oito crianças – conversam, discutem, leem, estudam, pesquisam. Só para ter ideia, eles melhoraram o Ideb de forma excepcional.

Então, eu saí de lá convencido de que inclusão digital não pode ser um discurso apenas de campanha eleitoral ou um discurso para dizer que você é moderno. As palavras são bonitas “inclusão digital”, então, todo mundo fala. Agora, fazer as pessoas terem acesso a computador, fazer as pessoas terem acesso à internet banda larga, é o desafio que está colocado para o governo federal, para os governos estaduais, para os prefeitos e para, eu diria, todos nós brasileiros.

Então eu, meu companheiro Tigre, vou tomar a posição de fazer uma verdadeira política de inclusão digital neste país para que a gente dê às nossas crianças, aos nossos jovens, a oportunidade de ter, eu diria, um aprendizado muito mais rápido. Eu acho que isso está ligado à política de inovação tecnológica que nós precisamos fazer rapidamente no Brasil. Eu coloquei R\$ 41 bilhões, ou seja US\$ 20 bilhões, no Ministério de Ciência e Tecnologia, uma das políticas era para fazer inovação tecnológica, e eu acho que nem nós orientamos como é que os empresários têm que fazer para ter acesso a esse dinheiro para inovação tecnológica.

É por isso, Paulo, que no pré-sal, no pré-sal, uma das exigências do Fundo Soberano que nós vamos criar é a educação, a ciência e tecnologia, o meio ambiente, a cultura e a pobreza deste país. É dinheiro que o Brasil nunca pensou em ter e nós não podemos jogar esse dinheiro fora. Nós temos que guardá-lo, investi-lo, aplicá-lo, ele tem que render, para que a gente possa fazer, nos próximos 20 anos, a revolução que não fizemos nos últimos 80 ou nos últimos cem anos. Não sou eu mais que vou fazer porque já estou com 63 anos de idade, mas quem sabe os nossos netos, os nossos filhos, e você e o Coser, que são muito novos, podem ajudar a fazer essa revolução. Eu, se Deus me permitir, estarei gaguejando em algum lugar deste país, porque já



estarei com mais de 80 anos, pelo menos. Não vou viver como o Camilo Cola, que tem saúde perfeita. Talvez não dure tanto, mas estarei em algum lugar olhando essa revolução que o Brasil tem que fazer. E você disse as palavras corretas: o petróleo é uma coisa passageira, um dia ele pode acabar, mas a educação que nós dermos para o nosso povo e a formação científica que a gente der para os nossos cidadãos, essas serão eternas e irão produzir outros jovens melhor formados do que a nossa geração.

Por isso, eu queria convidar os empresários alemães, queria dizer... convidar os empresários alemães a fazerem uma reflexão sobre o Brasil. Este país, definitivamente, se encontrou com o seu destino. O Brasil não quer ser mais o país do futuro, o Brasil não quer ser mais o país que vai garantir o alimento para o mundo, como se dizia: seremos o celeiro do mundo. Este país quer agora, hoje e amanhã fazer as coisas corretas.

Eu aprendi, ainda muito pequeno, que não é possível você ganhar confiança de alguém se você não passar confiança para as pessoas. Não existe possibilidade de o Paulo Hartung me respeitar se eu não respeitar ele, e se eu não me respeitar e se ele não se respeitar. Essa é a relação entre os seres humanos, sejam empresários, sejam políticos. Aí você estabelece uma relação de confiança. Se aquilo que as pessoas vão fazer vai acontecer de verdade, se aquilo é só discurso ou não é discurso e, muitas vezes, nós, latino-americanos, éramos vistos pelo mundo europeu como apenas aqueles que faziam discursos fáceis e que muitas vezes os discursos não produziam os efeitos.

Hoje, embora ainda gostemos de fazer discursos, nós temos clareza de que o Brasil não pode perder nenhuma oportunidade no século XXI. Se o século XIX foi da Europa, se o século XX foi dos Estados Unidos, e o finzinho dele, da China, e o começo do século XXI, da China, o Brasil vai ter que aprender a grande lição e ser uma grande economia no século XXI.

É por isso que nós estamos fazendo uma revolução na educação do



nosso país. Eu vou dar um número que eu gosto de citar porque é motivo de orgulho para mim. Este país, em 93 anos, construiu apenas 140 escolas técnicas profissionais. Em 93 anos, construiu 140. Nós, em oito anos, vamos construir 214 escolas técnicas profissionais. Em oito anos, nós vamos fazer uma vez e meia o que foi feito em um século. Nós estamos completando 12 universidades novas e tem mais duas para serem aprovadas no Congresso Nacional: uma, Brasil-África e uma Brasil-América Latina. Nós temos, hoje, o dobro de alunos nas universidades que nós tínhamos três anos atrás, e criamos um programa educacional que já colocou até agora 545 mil jovens na universidade, todos pobres, da periferia deste país, todos estudantes de escolas públicas, e chegaremos a 720 mil jovens até o ano que vem, com o ProUni. Criamos o Reuni para aumentar de 12 para 18 alunos por sala de aula nas universidades federais e criamos 104 extensões universitárias, levando braços das universidades da capital para o interior do País, porque daqui a oito ou dez anos, esses campi serão transformados em universidades, porque a exigência da cidade será muito grande.

Então, eu penso que isso é a maior credencial que nós precisamos para dizer para vocês: vamos construir o terceiro ciclo das relações entre Brasil e Alemanha. Essa crise mostrou que nós precisamos diversificar as nossas relações, diversificar o centro de produção... O nosso Armando Monteiro sabe que eu tenho sido o maior provocador para que as empresas brasileiras façam investimentos no exterior. A empresa brasileira precisa parar de pensar pequeno e fazer parcerias com empresas no exterior, colocar capital dela no exterior. Quando nós chegamos no governo, nem a Petrobras e nem a Vale... tinham medo de fazer investimentos no exterior. O Banco do Brasil, que é um banco enorme, hoje é o maior banco deste país, não tem agência na maioria dos países que tem grande relação comercial com o Brasil. Nós ainda não ganhamos a dimensão psicológica de que nós somos um país com potencial de crescimento, e a ida de um banco nosso, a ida de uma empresa nossa para



um país é a bandeira deste país que está lá dentro, é o conhecimento científico e tecnológico deste país. E é um trabalho muito difícil para convencer porque as pessoas não estavam convencidas disso.

Eu acho que essa parceria pode ser construída com a Alemanha. E a gente pode construir parcerias para investimentos em terceiros países. Se é verdade que todos nós temos que nos preocupar com a questão climática, vamos fazer uma revolução, uma nova matriz energética, vamos preservar a Amazônia, vamos preservar a agricultura alemã, mas vamos produzir essas coisas em terceiros países, que precisam de empregos, que precisam de riquezas. Ou nós vamos ficar falando na questão climática e ficar utilizando gasolina, utilizando óleo diesel e um combustível fóssil altamente poluente?

Esse é o desafio que está colocado para nós. A minha sugestão é que... eu vou ver se cumpro o meu compromisso de, em dezembro, ir à Alemanha fazer o debate com os empresários alemães, aproveitar e visitar a minha amiga Angela Merkel, e depois eu quero ver se a gente pode discutir essa questão climática com muita seriedade. De vez em quando eu vejo as pessoas discutirem apenas como, se os países ricos pudessem pagar um fundo para sequestrar carbono, estaria resolvido o problema. Não. É preciso que a gente ajude os países pobres a ganharem algum recurso com o sequestro de carbono, mas é preciso que a gente discuta a diminuição da emissão de gases de efeito estufa pelos países ricos, e cada país assumir compromisso em função daquilo que ele emite de gases de efeito estufa, ou ganhar em função daquilo que ele sequestra de carbono.

Essa discussão, eu espero que a gente possa amadurecer até Copenhague. Eu disse aos companheiros da Alemanha que seria importante que a Alemanha tivesse a sua proposta preparada, o Brasil com a sua proposta preparada, e que a gente, antes de Copenhague, pudesse, os dois grupos, se encontrar, para ver se a gente pode chegar em Copenhague com uma posição única entre Brasil, Alemanha, Estados Unidos e outros países importantes que



precisam assumir responsabilidades. Até porque hoje a questão climática não é mais uma questão de malucos, não é mais uma questão de jovens. É uma questão de sobrevivência da Humanidade, é uma questão de vantagem comparativa para o empresário que agir corretamente, que menos poluir e que mais contribuir para que a gente faça o sequestro correto do carbono já emitido.

Por tudo isso, meus companheiros e companheiras, eu quero dizer a vocês, empresários brasileiros e empresários alemães. Vocês se lembram que eu estava otimista em 2003, continuei otimista em 2004, mais otimista em 2005, no auge da crise, mais otimista em 2006, mais otimista em 2007. Quando saiu a crise econômica, eu fui para a televisão para vender otimismo, para pedir para o povo comprar, para pedir para ninguém parar. Tem pessoas que até achavam que era maluco. Eu fiz o que muitos empresários deveriam ter feito, eu fiz. Eu que, ideologicamente, sempre fui crítico do consumismo. Imaginem! Mas eu estava vendo a roda gigante parar e eu não queria que ela parasse. Se eu era otimista nesses anos para trás, podem ficar certos de que pode ter no mundo um homem igual, mas mais otimista do que eu com relação ao futuro deste país, eu não tenho [não tem] mais.

E o convite é para os alemães virem participar conosco, virem participar conosco na questão... a indústria do petróleo vai ser uma coisa muito significativa neste país, muito. Se vocês tiverem ideia da quantidade de sondas, de plataformas, de navios que nós precisamos fabricar aqui dentro, e poderemos fabricar com [em] parceria com a Alemanha, fazer empresas conjuntas. Se a gente imaginar o que este país tem de investimentos para produzir hidrelétricas... Eu não sei... você não pôde mostrar para eles aí, Armando, o sistema de hidrelétricas chamado Hidrelétrica Plataforma. Ele está sendo pensado. É uma engenharia que nem o mais radical dos ambientalistas vai botar defeito porque nós vamos fazer hidrelétrica como se fosse uma plataforma da Petrobras em alto-mar. Ou seja, as pessoas que vão trabalhar,



vão de helicóptero, vão ficar trabalhando lá e vão ser buscadas, para a gente não deixar vestígios de obra em volta para que não haja ocupação desordenada, para que não haja isso. Vai ser um modelo que já está quase pronto. Quando ele estiver totalmente pronto, nós vamos apresentar ao Brasil e ao mundo, e eu acho que os alemães deveriam participar conosco desse projeto de desenvolvimento. São muitos investimentos, muitos investimentos.

Então, eu posso dizer para vocês: quem está convidando vocês é um amigo de vocês, que gosta de vocês, que conhece a Alemanha desde 1975, quando era dirigente sindical – tive muita solidariedade dos sindicalistas da Alemanha –, um companheiro que foi o primeiro a ser recebido por um chanceler alemão, em 1979, Helmut Schmidt. No auge do regime militar veio ao Brasil. Proibido pelos militares, ainda assim ele exigiu me receber, e eu tenho uma grata recordação daquele momento histórico do meu encontro com Helmut Schmidt. Depois tive o prazer de conhecer o Willy Brandt. Só não tive o prazer de conhecer o Helmut Kohl, mas, de lá para cá, todos os que passaram, nós conversamos. Devo muito à ajuda que o sindicalismo alemão deu ao Brasil, que a Fundação Friedrich Ebert deu ao Brasil. Já falei com a primeira-ministra Angela Merkel porque eu sei que a federação [Fundação] Friedrich Ebert pertence a um outro partido político. Isso é coisa da Alemanha, não é uma coisa minha.

Mas o dado concreto é que eu acho que Brasil e Alemanha podem, se quiserem, dobrar, em dez ou 15 anos, o que nós fizemos até agora. A oportunidade não é apenas para o Brasil. É para o Brasil e para a Alemanha porque nós, juntos, poderemos fazer muito mais e muito melhor.

Muito obrigado, gente. Parabéns pela 27ª Conferência.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
